



CULTURA E PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM CONJUNTO ANTROPOLÓGICO

Tássia Patricia Silva do Nascimento

RESUMO

Este artigo tem como objetivo elucidar alguns conceitos sobre a cultura e suas relações com os fenômenos da sociedade e do homem. Usamos como enfoque a cultura segundo Lévi-Strauss, Clifford Geertz e W. Goodenough. Apresenta-se também outros autores que nos dão suporte teórico para esse estudo, tendo como propulsor a questão da pessoa com deficiência e seus paradigmas sociais. A cultura vem guardando uma intrínseca relação com os hábitos, relegando todas as demais manifestações no interior das sociedades civilizadas. Embora tenhamos esse pensamento, faz-se necessário um estudo que possa compor todas essas manifestações da própria cultura, que apresenta sua centralidade na representação das facetas do cotidiano, com a luz das perspectivas atuais, buscamos aqui apresentar suas limitações para a compreensão dos fenômenos sociais e determinantes, e suas concepções em relação à pessoa com deficiência e seus direitos a autonomia e visibilidade social. .

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; Sociedade; Indivíduo; Pessoa com Deficiência.

INTRODUÇÃO

Vivendo num país onde tanto se fala da variedade e da exuberância cultural que permeia de forma emblemática o nosso povo, é, no mínimo, esperado que tenhamos uma idéia concebida sobre o que venha a ser esse fenômeno tão expressivo e característico da nossa gente e de todos os povos da Terra.

Ao buscar uma definição operacional de cultura desdobra-se e redimensiona-se, formando uma urdidura de significados e significantes. Dessa maneira, tem-se observado que a cultura tem materialidade também institucional e enfrenta problemas comparáveis a outras áreas. De outra maneira, enfrenta problemas que exigem um tratamento conceitual e político diferenciado.

Assim, a cultura não funciona como imperativo categórico, mas é carregada pela historicidade das instituições que a delimitam e que configuram suas vertentes culturais. As decisões conceituais por um ou outro conjunto de significados são tácitas ou explícitas e





impõem traduções e modelos, embora esses derivem não apenas dos conceitos, mas do conjunto de forças sociais, concepções e interpretações sobre o objeto e as estratégias de intervenção.

Ao considerar que a definição do termo cultura vem redimensionando-se através da história, é importante estampar nesse estudo algumas das definições que também serviram de base para que a cultura tenha obtido essa mobilidade de conceitos.

Dessa forma, a inclusão social tem se consagrado no mundo ocidental, especialmente a partir da década de 1980, como lema impulsionador de importantes movimentos sociais e ações políticas. Na Europa e nos Estados Unidos da América, já nos anos 1970, a inclusão social das pessoas com deficiência figurava entre os direitos sociais básicos expressos em importantes documentos legais e normativos. Gradativamente as sociedades democráticas vêm divulgando, discutindo e defendendo a inclusão como direito de todos em relação aos diversos espaços sociais. Nesse artigo, a inclusão social é entendida como a participação ativa nos vários grupos de convivência social, e a deficiência, como qualquer perda ou anormalidade de uma estrutura ou função corporal (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA..., 2003).

Será abordada o setor da Cultura, como mediador da inclusão social mais ampla, propondo e analisando questões relativas à pessoa com deficiência. Ainda que não haja pretensão de desenvolver profunda discussão teórico-metodológica sobre os variados conceitos que assumem diferentes abordagens, serão aqui retomadas algumas definições que mais se aproximam do entendimento que norteia essa análise, bem como destacados alguns autores que contribuem para as reflexões sobre essa importante temática da vida social e política. Com essa perspectiva é que as reflexões aqui contidas serão desencadeadas, sendo a cultura a primeira das dimensões sociais a ser abordada, até porque os valores, as crenças, as ações e os comportamentos que a compõem estão permeando os demais setores da vida social intimamente imbricados.





NOÇÃO DE CULTURA E A DIVERSIDADE

A noção de cultura é o fundamento para a compreensão dos movimentos que quais passaram as ciências, inicialmente apenas por parte da Antropologia do início do século 19, que pretendia abordar todos os aspectos das questões acerca da diversidade humana. Dessa forma, é importante ressaltar que essa discussão que substituiu o conceito, levantou paradigmas fundantes para a população na Antropologia, assim como também ocorreu no âmbito da Sociologia.

Contudo a intenção é fazer nesse primeiro momento um levantamento de algumas correntes teóricas que influenciaram a construção do conceito de cultura. Diante disso, cultura que era o cerne de uma discussão que separava o determinismo biológico racial das tão específicas manifestações de comportamento aprendidas pelos mesmos indivíduos de uma sociedade que detinha seus valores impregnados, até mesmo pós o nascimento desse indivíduo. Por conta disso, esses aspectos eram considerados então como de origem ambiental no debate das relações entre raça e cultura. De fato, o estudo da cultura referia-se a costumes, maneiras e técnicas tradicionais específicas de uma sociedade, como costumamos ressaltar hoje em dia. Esse amparo culturalista ressalta a descrição e o entendimento da diversidade humana.

Malinowski (2009), enfatizava que os estudiosos deveriam descrever todos os aspectos vinculados numa dada sociedade ao complexo, por exemplo, da função alimentar: técnicas agrícolas, formas de distribuição dos alimentos entre grupos e indivíduos, instituições de trocas (comércio ou circulação de bens) entre outras. Dessa forma podemos dizer que Malinowski via a sociedade por meio de uma metáfora anatômica em que na morfologia das sociedades as instituições cumpriam as mesmas funções que os órgãos e sistemas do corpo humano:

[...] a cultura consiste no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, quer uma cultura extremamente complexa e desenvolvida, confrontamo-nos com um vasto dispositivo, em parte material e em parte espiritual, que possibilita ao homem fazer face aos problemas concretos e específicos que se lhe deparam. (MALINOWSKI, 2009, p. 45).





Em contrapartida, Lévi-Strauss (1973), mostra-nos o conceito de estrutura, influenciado fortemente pelas teorias da Linguística, tornou-se mais abstrato e ligado a questões mais sociais do que as metáforas tomadas de disciplinas como a Biologia e a Mecânica. Também critica e sintetiza a definição de cultura como hábitos, atitudes, comportamentos, maneiras próprias de agir, sentir e pensar de um povo e toma como base a estrutura subconsciente de pensamento. Em contra partida, é possível perceber a resistência às teorias evolucionistas, em especial o darwinismo biológico e acrescenta que a noção de superioridade racial apenas foi criada para justificar formas e ideais de dominação. Para o Estruturalismo de Lévi-Strauss (1973), a diversidade humana não é importante, e sim a similaridade humana de pensamento. Nessa teoria, o conceito de cultura ganha um sentido residual, mas irreduzível.

Ainda fazendo um apanhando geral, quando se observa no ramo das ciências sociais, que nos mostra que cultura pode ser entendida como um sistema simbólico, característica primordial e comum da humanidade de conceder, de maneira mais que ordenada, racional e estruturada, significados e sentidos “às coisas do mundo”. Observar, separar, pensar e classificar atribuindo uma ordem totalizadora é fundamental para se compreender o conceito de cultura, atualmente definido como sistema simbólico, e sua diversidade nas sociedades humanas. Dessa maneira, Geertz (1978), propõe:

[...] análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta de um Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea. (GEERTZ, 1978, p. 30-31).

Por conseguinte, percebe-se que, é de suma importância não limitar-se em apenas uma definição de cultura, mas observar para os mais diversos desdobramentos que o termo assume em sua compulsão e em seus mais diversos contextos complexos. Em seu caráter trans e interdisciplinar a cultura estabelece uma ampliação de fronteiras, delineando uma nova maneira de se pensar a cultura, isto é, além dos textos e imagens, e hoje em dia, até aparando-se as demais formas midiáticas possíveis.





A reconstrução do conceito de cultura, fragmentado por numerosas reformulações, será a intenção desse estudo e teremos como amparo teórico Roger Keesing que em seu artigo "Theories of Culture, 1974", no qual classifica as tentativas modernas de obter uma precisão conceitual da cultura, no qual termos como foco as teorias idealistas de cultura, que subdivide em três diferentes abordagens que serão aquelas que vamos nos atentar nesse estudo.

O CONCEITO DE CULTURA: ENTRE OS SIGNIFICADOS DE GEERTZ

Sobre as teorias idealistas, considera-se cultura como sistemas simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: Clifford Geertz e David Schneider, no entanto vamos nos atentar nesse estudo a falar especificadamente e com mais riqueza de detalhes de Geertz.

Quando pensamos em uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, a ideia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica. Entendemos um paradoxo de uma imensa variedade cultural que vai de encontro com a unidade da espécie humana.

Com isso, a cultura não deve ser considerada um complexo de comportamentos concretos, mas sim um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções. Dessa forma, para Geertz (1978), todos os homens são geneticamente aptos para receber uma definição, e este é o que chamamos de cultura, que é uma nova maneira de encarar a unidade da espécie.

Sendo assim, Geertz (1978, p. 28), afirma que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!" um exemplo disso, é que a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente. Esta amplitude de possibilidades, entretanto, será limitada pelo contexto real e específico onde de fato ela vai se desenvolver como cidadão (crescer). Ou seja, a cultura não é nunca particular, mas sempre pública. Os fatos inovadores nascem e evoluem numa reprodução espontânea e despercebida dos agentes culturais.





Defende ainda, que os seres humanos são incompletos porque são históricos; a cultura é entendida enquanto um componente interno essencial da natureza humana, estando, portanto, atrelada tanto ao contexto biológico como ao contexto evolutivo. Detecta-se na cultura uma diferença tênue, pois os autores defendem a cultura também como uma ciência, como um documento de afirmação configurado por expressões sociais.

Os símbolos e significados são partilhados pelos atores (os membros do sistema cultural) entre eles, mas não dentro deles. São públicos e não privados. Cada um de nós sabe o que fazer em determinadas situações, mas nem todos sabem prever o que fariam nessas situações. Estudar a cultura é, portanto estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura. Geertz (1978, pg. 24) afirma que:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processo; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (1978, 1978, p. 24).

David Schneider tem uma abordagem distinta, embora em muitos pontos semelhante à de Geertz. Schneider (1968) afirma que Cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento. O status epistemológico das unidades ou 'coisas' culturais não depende da sua observabilidade, desse modo até mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais.

Essa abordagem idealista de cultura como sistemas simbólicos foi apresentada anteriormente como a posição defendida por Geertz e Schneider, onde a cultura deve ser considerada não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle para governar o comportamento; reafirmando que todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura.

CULTURA COMO SISTEMAS SIMBÓLICOS CLAUDE LÉVI-STRAUSS

A abordagem que considera cultura como sistemas estruturais, é a desenvolvida por Claude Lévi-Strauss, que define cultura como um sistema simbólico, uma criação acumulativa da mente humana. Com a possibilidade de descobrir na estruturação dos





domínios culturais, mito, arte, parentesco e linguagem que se mostram como os princípios da mente que geram essas elaborações culturais. Lévi-Strauss formula uma nova teoria da unidade psíquica da humanidade. Um conjunto de princípios, que como a lógica de contrastes binários, de relações e transformações, no qual controlam as manifestações empíricas de um dado grupo, no qual entendemos os paradigmas da cultura.

Dessa forma, as relações apresentadas serão uma breve interferência em seus descobrimentos sobre o fenômeno da cultura.

Então podemos destacar o fato de que as relações entre linguagem e cultura em Lévi-Strauss estão, principalmente, referidas à relação estabelecida entre a Linguística e a Antropologia, ou seja, às contribuições teórico-metodológicas da Fonologia para a Antropologia e à comparação de seus respectivos objetos, respectivamente, a língua e a cultura:

[...] Situando-se de um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar à da linguagem, ambas se edificam por meio de oposições e correlações, isto é, por meio de relações lógicas. Tanto que se pode considerar a linguagem como um alicerce destinado a receber as estruturas às vezes mais complexas, porém do mesmo tipo que as suas, que correspondem à cultura encarada sob diferentes aspectos" (LÉVI-STRAUSS, 1973, p. 86).

Com isso, fazemos um recorte das contribuições que Claude Lévi-Strauss apontou alguns sobre níveis distintivos da relação entre linguagem e cultura que podem ser considerados da seguinte magnitude:

- 1) A relação entre uma língua e uma cultura. Para estudar uma Cultura, será necessário o conhecimento da língua? Em que medida e até que ponto? Inversamente, o conhecimento da língua implica no conhecimento da cultura, ou ao menos de alguns de seus aspectos? (LÉVI-STRAUSS, 1973, p. 85).
- 2) A maior parte das culturas que chamamos primitivas usa da linguagem com parcimônia; não se fala quando se quer e sem motivo. As manifestações verbais são aí frequentemente limitadas a circunstâncias prescritas, fora das quais se poupam as palavras (LÉVI-STRAUSS, 1973, p. 86).
- 3) Um terceiro grupo de problemas recebeu ainda menos atenção. Penso aqui na relação, não mais entre uma língua ou a própria linguagem e uma cultura ou a própria cultura mas entre Linguística e Antropologia consideradas como Ciências (LÉVISTRAUSS, 1973, p. 86).





Segundo ele, isso se deu em função da própria dificuldade encontrada por linguistas e antropólogos no tratamento dos problemas concernentes a relação entre linguagem e cultura. Podemos, todavia, entender a acolhida que Lévi-Strauss dá à Linguística a partir da sua pretensão em construir, não apenas uma nova forma de relação entre a Antropologia e a Linguística, mas uma Antropologia rigorosa.

Lévi-Strauss inova ao pretender para a Antropologia cultural um modelo rigoroso retirado do campo das Ciências Humanas. Essa perspectiva o levou à ruptura com o modelo da Antropologia Física comprometida com um conceito de homem que se reduzia a sua constituição biológica, racial e que, segundo o próprio Lévi-Strauss, seria a base de todo racismo. A razão da opção de Lévi-Strauss pelo modelo científico da linguística, mais especificamente da fonologia, se justifica, nesse sentido, por esta se apresentar até então como a única ciência rigorosa capaz de abordar um objeto de natureza simbólica (língua e cultura)

As estruturas dos sistemas linguísticos e dos demais fenômenos culturais, não está, todavia ao aprimoramento concreto da sociedade à língua, ou seja, reduzir somente a isso. Ainda que se possa, a partir daí, tomar a linguagem como condição da cultura. Ela adquire todo o seu valor por permitir estabelecer, teoricamente, um estatuto simbólico para os fenômenos culturais, é uma concepção do social que só pode fazer-se por meio do orgânico, mas ao preço de transformações simbólicas fundamentais que reestruture o funcionamento deste.

CULTURA COMO SISTEMA COGNITIVO: W. GOODENOUGH

A cultura como sistema cognitivo, produto dos chamados "novos etnógrafos". Esta abordagem antropológica mostra-se através do estudo dos sistemas de classificação de *folk* (àqueles que são desenvolvidos pelos próprios membros da comunidade), isto é, a análise dos modelos construídos pelos membros da comunidade a respeito de seu próprio universo.





W. Goodenough (1971), cultura é um sistema de conhecimento e consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade. Se a cultura for concebida dessa forma ela fica situada epistemologicamente no mesmo domínio da linguagem, como um evento observável.

Defende que cultura é um sistema de conhecimento; consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro de sua sociedade.

Na abordagem cognitiva, também da vertente metafórica, Goodenough (1971) trata a cultura como um conjunto de cognições funcionais organizadas dentro de um sistema de conhecimento que contém tudo o que é necessário ao indivíduo conhecer ou acreditar, para agir de maneira aceitável em face dos membros do seu grupo de referência.

Enquanto produto da aprendizagem é resultado da percepção e interpretação de objetos externos, gerados pelas regras dispostas inconscientemente na mente humana. Na perspectiva cognitiva, a organização é vista como uma rede de significados subjetivos compartilhados, em que a cultura é um sistema de cognições (crenças e conhecimentos) formadas que determina regras e maneiras como os seus membros veem e descrevem o mundo.

Tabela 1- Teorias Idealistas

TEORIAS IDEALISTAS	
ABORDAGEM	AUTORES
SISTEMA COGNITIVO	W. GOODENOUGH
CULTURA COMO SISTEMAS ESTRUTURAIIS	CLAUDE LÉVI-STRAUSS
CULTURA COMO SISTEMAS SIMBÓLICOS	CLIFFORD GEERTZ E DAVID SCHNEIDER

Fonte: Arquivo pessoal





A tabela 1 refere-se a um resumo das teorias idealistas ressaltadas na obra de Roger Keesing (1974), no qual se procurou demonstrar nesse estudo de forma breve. Nesse sentido, a intenção na tabela 2, será fazer um breve contexto da teoria que considera a cultura como um processo adaptativo, difundida por neo-evolucionistas, para que haja uma incorporação do estudo.

Tabela 2- Teorias Adaptativas

TEORIAS ADAPTATIVAS
Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, etc.
Mudança cultural é primariamente um processo de adaptação equivalente à seleção natural. "O homem é um animal e, como todos animais, deve manter uma relação adaptativa com o meio circundante para sobreviver. Embora ele consiga esta adaptação através da cultura, o processo é dirigido pelas mesmas regras de seleção natural que governam a adaptação biológica."(B. Meggers, 1977).
A tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social diretamente ligada à produção constituem o domínio mais adaptativo da cultura. É neste domínio que usualmente começam as mudanças adaptativas que depois se ramificam. Existem, entretanto, divergências sobre como opera este processo.
Os componentes ideológicos dos sistemas culturais podem ter consequências adaptativas no controle da população, da subsistência, da manutenção do ecossistema etc.

Fonte: LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.





A tabela 2 mostra as concepções de Roger Keesing, que propôs que a cultura como um sistema adaptativo, são sistemas adaptativos entre as comunidades humanas e seus embasamentos biológicos, ou seja, os agrupamentos sociais, crenças e religiões, economia, etc. O homem é um ser adaptativo, por ser um animal, ele se adapta através da cultura, assim como se adapta biologicamente, pensamento esse difundido por muitos autores.

INCLUSÃO SOCIAL E OS PARADIGMAS DA CULTURA

De acordo com Mazzotta e D'Antino (2011, p. 378), inclusão social se caracteriza como "a participação ativa nos vários grupos de convivência social.". Deste modo, as maneiras como as pessoas se relacionam, interagem, se expressam, adquirem e usam suas habilidades depende do modelo cultural da sua sociedade. Logo "existem diferentes culturas e cada qual se caracteriza por seu código de valores e crenças específicas." (SILVA; DESSEN, 2001, p. 135).

Nesse sentido, pessoas com e sem deficiência são inseridas nesse e por esse processo de transmissão cultural, estando em contínua relação e interação com o meio social (SILVA; DESSEN, 2001). A cultura abrange três níveis: ideologia, comportamento e matéria, se constituindo como um universo cultural que perpassa todos os setores da vida social. A cultura ideológica, assim chamada por Sorokin (1968) se caracteriza pelas normas e valores reconhecidos pelas pessoas de um determinado grupo.

Assim, esse universo cultural se constitui pelas ações, manifestações verbais e não verbais símbolos e expressões por meio de comportamentos e interações que têm como objetivo a procura pelo entendimento sobre os outros e sobre si mesmo (SOROKIN 1968, apud MAZZOTTA; D'ANTINO, 2011).

A cultura de uma forma abrangente é uma maneira de atuar, perceber, significar, entender e interagir com o mundo, com os outros e consigo mesmo de uma maneira significativa. De uma forma mais restrita, a cultura é a produção e a manifestação de ideias pela arte, filosofia, ciência, tecnologia, etc (MAZZOTA; D'ANTINO, 2011). Entretanto, não se pode reduzir cultura a estas expressões já que estas abrangem um campo muito mais amplo abarcando conjuntos de elementos intelectuais, emocionais, espirituais, estilos de





vida, valores, tradições, modos de convivência e crenças de um grupo social (PREÂMBULO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIVERSIDADE CULTURAL DA UNESCO, 2001).

Ainda numa abordagem normativa, de acordo com o artigo 215 da Constituição Federal Brasileira de 1988, “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988).

Nesse panorama, a utilização das leis que incentivam a cultura fortaleceu a ideia de que a mesma está relacionada a negócio, pois esta é útil para várias esferas além da área social. Deste modo, ela se encontra vinculada a setores como: comércio, economia, turismo, educação e até combate a violência através da expressão artística, entre outras. Muitas empresas, no Brasil, optam por patrocinar artes, utilizando o marketing cultural como um meio de comunicação importante e valioso com o público (BELING, 2005). Assim sendo, cultura se encontra vinculada ao desenvolvimento do ser humano assim como da própria sociedade, e em relação à pessoa com deficiência garantindo a sua devida autonomia dentro da sociedade.

Um pequeno recorte que podemos fazer dentro da cidade de Manaus-Am, são as atrações culturais que oferecem recursos diferenciados para as pessoas com deficiência, como a audiodescrição em espetáculos dentro do Teatro Amazonas. No entanto, não vamos adentrar nesse aspecto, pois não é o foco desse estudo.

UMA ALTERNATIVA DE FACILITAÇÃO DOS PARÂMETROS DA CULTURA NA CIDADE DE MANAUS – AM

A acessibilidade em programações culturais está cada vez mais em evidência. Um referencial positivo é o fato das instituições culturais de Manaus - AM cumprirem as exigências legais e oferecerem opções criativas para a acessibilidade cultural que extrapolam as exigências legais.



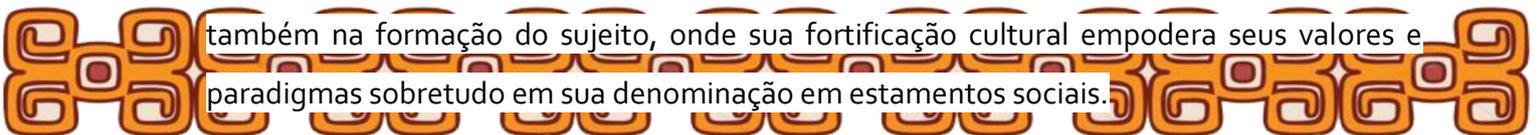


A educação e a formação são direitos básicos, porém escassos para a maioria da população brasileira. Ainda parece distante a conquista da cidadania cultural pelas pessoas com deficiência, apesar de serem apoiadas por diferentes leis e decretos nacionais e internacionais. Dentre estes, destacam-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que explicita o direito de participação da vida cultural e da comunidade à todas pessoas, e a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada por unanimidade pela ONU em 2007 e ratificada pelo Brasil em 2009.

Mesmo em vigor na Cidade de Manaus - AM, mudança pode explicitar mais um passo a favor da acessibilidade. Para uma pessoa com deficiência, ter o direito à informação e que pode facilitar seus hábitos diários e reafirmar sua independência, dentro de um contexto social, pois ter acesso aos elementos da cultura torna-se um processo simbólico para a construção de um sujeito.

Diante disso, o Projeto APOEMA, hospedado dentro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM propicia estratégias de comunicação acessível cultural, para potencializar a vida independente da pessoa com deficiência. As utilizações dessas técnicas nos chamaram atenção, pois aperfeiçoam a autonomia da pessoa com deficiência. A referida iniciativa nos remete ao que conhecemos como acessibilidade comunicacional, que segundo Sasaki (2009) é toda forma de comunicação acessível que utiliza instrumentos pedagogicamente corretos para facilitar a aprendizagem da pessoa com deficiência.

O Projeto, hoje é referência em educação especial na sociedade amazonense, em virtude das diversas atividades que desenvolve principalmente os produtos pedagógicos acessíveis. Desta feita, o projeto passou a produzir suas obras, como livros, apostilas, cartilhas e manuais em forma de áudio, todos narrados com o rigor das técnicas e recursos vocais. Com isso tencionou conhecer de que forma se podem utilizar recursos alternativos de comunicação para aproximar a pessoa com deficiência visual da leitura. Essa Tecnologia Assistiva proporcionou um leque de oportunidades, tanto profissional, como acadêmica, pois segundo Mendes (1995), a Tecnologia é considerada Assistiva quando é usada para auxiliar no desempenho funcional de atividades, reduzindo incapacidades para a realização de atividades da vida diária e da vida prática, nos diversos domínios do cotidiano, auxilia também na formação do sujeito, onde sua fortificação cultural empodera seus valores e paradigmas sobretudo em sua denominação em estamentos sociais.





TECENDO CONSIDERAÇÕES

Definir o que é cultura dentro do conceito antropológico está aquém dos conceitos estabelecidos dentro de um contexto natural da sociedade. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada nas mais diversas áreas, entre elas, a como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana.

A cultura também possui caráter transversal, pois perpassa diferentes campos da vida cotidiana, o que amplia o leque de possibilidades de compreensão do termo. A compreensão nesse estudo foi sua definição no sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado.

Dessa forma, as regras apenas indicam os limites e apontam os elementos e suas combinações explícitas. O seu funcionamento e, sobretudo, o modo pelo qual elas engendram novas combinações em situações concretas é algo que só a realidade pode dizer. Porque embora cada cultura contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas, são infinitas. Apresentada assim, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades. Elas não seriam dadas, apenas por meio de um meio geográfico ou de uma raça, como muitas definições antigas, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua trajetória.

Partindo desse princípio, o conceito de cultura, ou, a cultura como conceito, então, permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades não iguais.





Estamos sempre compactuando com formas elementares de culturas e varias distinções de saberes, com isso, mesmo entre formas culturais aparentemente irracionais, cruéis ou pervertidas, existe o homem para por fim, se configurar a entendê-las, ainda que seja para evitá-las, que é não é uma atitude positiva dentro do campo das diferenças e direitos.

Assim, é uma tarefa inevitável que faz parte da condição de ser humano e viver num universo marcado e demarcado pela cultura. Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.

Em nosso contexto, tão amplo pela comunicação em escala, se faz necessário tais estudos. E isso porque com uma atitude aberta para as formas e configurações sociais que, como revela o conceito de cultura, estão dentro e fora de nós.

Por tanto, segundo a definição de Edward Tylor (1871), no qual, procuramos também abranger nesse artigo, que o significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Numerosas são as concepções de cultura, consoantes com variadas vertentes teóricas, o que demandou um cuidado adicional na construção do referencial teórico que melhor subsidiaria as discussões pretendidas, elegendo-se para compor a análise aqui empreendida aquelas que foram as mais significativas na clarificação da posição esposada.

Nesse sentido, cabe aqui ressaltar a construção e sedimentação de estigmas, estereótipos, padrões de beleza, dentre outras formas simbólicas acompanhadas de atitudes e ações em relação a pessoas que se encontram em determinadas condições individuais e sociais e que em contextos específicos passam a ser discriminadas negativa ou positivamente, tendo favorecida a concretização de situações de inclusão ou exclusão nos variados espaços da vida social. Situações de segregação, marginalização ou exclusão, de





quem quer que seja, concretizam atitudes que se configuram como violência simbólica. A violência simbólica se dá sempre que uma pessoa é impedida de se manifestar, ou ainda, nas palavras do próprio autor, a violência simbólica é a “exercida por meio da ação estratégica como a capacidade de impedir outros indivíduos ou grupos de defender os seus próprios interesses” (Freitag e Rouanet, 1993, p. 112).

REFERÊNCIAS

BELLING, J. J. X. Políticas culturais. Ponto de Vista, v. 6, n.7, p. 79-96, 2005.

BRASIL. Constituição Brasileira de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

D’ANTINO, M. E. F. Deficiência e a mensagem reveladora da instituição especializada: dimensões imagética e textual. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FREITAG, B.; ROUANET, S. P. Habermas. São Paulo: Ática, 1993.

GEERTZ, C. A interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1978.

GOODENOUGH, W. H. Culture, language and society. Reading, MA: AddisonWesley, 1971.

KEESING, R. Theories of Culture. Annual Review of Antropology, vol. 3. California: Palo Alto, 1974.

LARAIA, R. Cultura: um conceito antropológico. Zahar. Rio de Janeiro, 1986

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

MALINOWSKI, B. Uma teoria científica de cultura. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

MAZZOTTA, M. J. S. Reflexões sobre inclusão com responsabilidade. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-168, 2008.

MAZZOTTA, M. J. S.; D’ANTINO, M. E. F. Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: Cultura, Educação e Lazer. Saúde Soc. v. 20, n.2, p. 377-389, 2011.





MEGGERS, B. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, 207 p.

MENDES, E. G. *Deficiência mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

SCHNEIDER, D. *American kinship: a cultural account*. Chicago, University of Chicago Press, 1968.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. *Deficiência Mental e Família: Implicações para o Desenvolvimento da Criança*, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 17, n. 2, p. 133-141, 2001.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Faculdade de Saúde Pública. Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde – CIF*. São Paulo: EDUSP, 2003.

TYLOR, E. B. *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. London: John Murray, 1871.

